

O INVERNO E OS PESCADORES

Quem, no tepido ambiente dum salão burguês, onde existe todo o conforto moderno, se recordará, nestes dias inclementes de inverno, desses homens que vivem á margem do mar, sob um tecto onde a ventania vem rugir sinistras ameaças e dentro dum casinhoto até onde, por vezes, as próprias ondas sobem, em altas cachoeiras, coléricas, destruidoras, trágicas?

Quem, dos que vivem na cidade, dos que vivem sem dôr, sem sacrificio, daqueles que arrastam uma existencia faustosa por *soirées* elegantes, por chás mundanos, entre automóveis e pelissas, se recordará desses pescadores que talvez a essa mesma hora, e em plena impiedade invernal, se debatem com a fome ou com esse inimigo implacavel que êles supõem dominar, mas que vive sempre a espiar o momento de roubar-lhes a vida?

Quem pensará no drama dos pescadores nestes dias nublosos e melancólicos de inverno,

em que o mar tem bramidos ferozes e em que a natureza, desnuda, se encontra estarrecida?

O pescador tem no inverno a sorte da cigarrara da fabula, embora sofresse no verão o calvario da formiga...

Entre dois extremos, no inverno, oscila a sua vida; — ou a fome, na cabana onde ha mulher e filhos, e lamentos e frio a trespassar tudo, ou o perigo, o desafio á morte, lá onde parecem mais asuis as ondas, lá donde se perde a linha negra da terra...

E o mar é mais avaro neste tempo, mais temivel, mais orgulhoso, como se se quizesse vingar dessa fraqueza que é a sua prodigalidade.

E o barco dos que o afrontam, é como essas penas mui leves que soltamos desde a janela e que, uma vez dominadas pela brisa, não sabemos para onde vão, não sabemos onde irão cair... Mas é preciso conquistar algumas migalhas de pão, é preciso viver, mesmo que seja necessario desafiar a morte.



Esperando o regresso

E eles lá partem para a incerteza, nessa hora incerta que bem pode ser a hora ultima...

A' porta do casinhoto e depois na praia, as mulheres, rodeadas pelos filhos aguardam, aguardam sempre — nos olhos o panico, no coração o estarecimento e nos labios preces a um deus em quem elas debalde creem, a um deus que elas supõem justo, quando justas são elas, que até lhe perdoam que ele lhes deixe morrer os maridos no momento em que disputam, entre as fauces liquidas do monstro, um miseravel pedaço de pão...

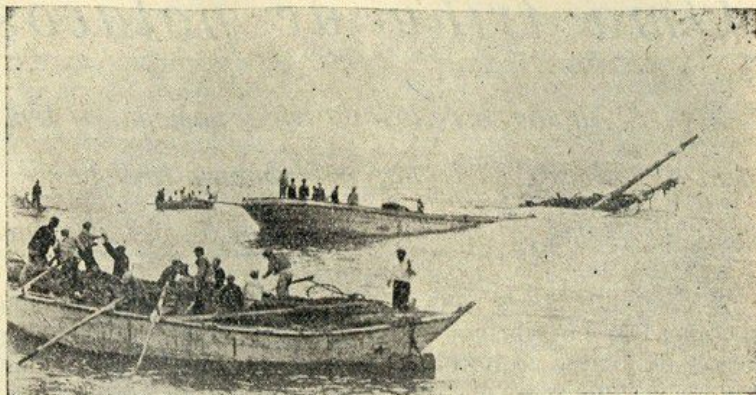
A's vezes o barco funde-se na longitude, apaga-se sobre o dorso das vagas — a velha ameaça consuma-se, dá-se o logar comum no destino dos pescadores... Só dias depois ha destroços, longe do ponto de partida, em logar até onde os pés se cansam em ir...

Entretanto, a essa mesma hora, os que enriqueceram no verão com o trabalho dos pescadores, passeiam na cidade com as familias, fazem vida opulenta — fazem a epoca dos teatros, a epoca elegante...

E nos dias que chove?

Quando a chuva cai, monotonamente, dias e dias seguidos?

Dias em que falta pão, dias em que falta lume, porque não ha lume verdadeiro quando não ha pão? Dias em que é inutil até desafiar a morte? Dias em que a fome se aproxima denodadamente — e impassivelmente se tem de suportar seu frigido contacto?



Barco em perigo

E os ouvidos, impavidos ante os rugidos do mar, comovem-se e desesperam-se ante o timido chorar das crianças...

...E chove sempre. A morte, então, não tem importancia...

Que importa que o mar erga mais alto a crista das suas vagas, que importa que êle abra de instante a instante as suas fauces tragicas, para devorar os mais intrépidos, se nêle está o pão para os filhos dos pescadores, se nêle está o lenço de espuma que hade enxugar essas lagrimas que correm, sob a egide da fome, pelo rosto convulso das creanças?

Que importa, se a terra lhes nega o pão que lhes falta, a vida a que êles teem direito?

E desesperam-se vendo que a chuva não termina, que persiste sempre — como se quizesse eternizar aquela tortura, aqueles lamentos, aquele frio que trespassa tudo...

Mas a essa mesma hora os grandes industriais de pescarias, de conserva, gosam o produto do verão — em casas com todos os requintes de conforto, em casas onde lhes é agradável, sentados num comodo *maple* e fumando um bom charuto, escutar o ruido que a chuva faz nos vidros da janela...



Concertando a rêde



Barco de pesca

Ferreira de Assis